

Complicações na Redação de Textos Originais dos Voluntários da Conscienciologia: Principais Erros Gramaticais Identificados

Complications in the Writing of Original Texts by Conscientiology Volunteers:
Principal Grammatical Errors Identified

Complicaciones en la Redacción de Textos Originales de los Voluntarios de la Concienciología: Principales Errores Gramaticales Identificados

Eucardio de Rosso*

*Advogado e Jornalista. Voluntário da *Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia* (CEAEC) e da *Associação Internacional de Enciclopédiologia Conscienciológica* (ENCYCLOSSAPIENS).
eucardioid@gmail.com

Recebido em: 30.04.2017.

Aprovado para publicação em: 17.10.2018.

RESUMO

Este trabalho decorre da prática de revisão gramatical do autor feita em várias secções e oportunidades, em revistas, livros e verbetes dos textos da Conscienciologia. Foram aplicadas as regras existentes e as modificações adotadas pelo *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa* que entrou em vigor em 2009 e também as orientações direcionadas aos voluntários conscienciológicos quanto à escrita enciclopédica, verificando-se os principais obstáculos e dificuldades dos articulistas dentro da *Comunidade Conscienciológica Cosmoética Internacional* (CCCI).

Para tal, foram pesquisados e consultados livros especiais do assunto: gramáticas portuguesas, vários livros existentes sobre as novas regras, consultas ao *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (VOLP), dicionários atualizados em confronto com trabalhos comumente revisados pelo autor.

A finalidade principal é orientar e facilitar ao escritor e articulista da CCCI para produção de bons textos, livres dos mata-burros dos erros mais comuns cometidos, dentro das regras atuais e permanentes da dissertação técnica ou mesmo textos comuns.

INTRODUÇÃO

Desde que este autor passou a dar contribuição à revisão de textos, há mais de década na *Comunidade Conscienciológica Cosmoética Internacional* (CCCI), lhe chama a atenção a repetição de alguns erros gramaticais comuns, inclusive cometidos por pessoas que escrevem muito bem, quase irretocáveis, na confecção de trabalhos técnicos e na produção de verbetes da *Enciclopédia da Conscienciologia* (EC).

O objetivo é ajudar as pessoas que escrevem para que se atentem às principais regras gramaticais e grafem corretamente seus textos.

RECOMENDAÇÕES GERAIS

Entre essas dificuldades, destacam-se, no olhar de observação do autor, as 10 principais listadas a seguir, como vícios de linguagem, que serão examinadas uma a uma para melhor entendimento, aplicação prática e correção, com exemplificações:

01. Crase, como *devido ao, devido à; ante ao; ante a;*

02. Pluralização dos sujeitos compostos, conetivos e ou alternativos. Questão clássica na Questionologia dos verbetes da EC, quando se usa *você, leitor ou leitora*, se aplica o verbo no singular, mas se dissermos *você, leitor e leitora*, aí o verbo irá para o plural;

03. Pronomes relativos, conjunções etc, que exigem *próclise ou ênclise;*

04. Questões de justaposição de palavras, com prefixos e hifenização;

05. Duplicação de letras;

06. Verbos transitivos diretos e indiretos, como *visar;*

07. Pronomes demonstrativos; *este, esse, aquele;*

08. Apostos e explicativos ou de retificação, dupla vírgula, em *aliás, isto é, a partir de, por exemplo;*

09. Eliminação do trema e de acentos;

10. Verbo *ter* em vez de *haver, existir.*

01. CRASE

Estatisticamente, verifica-se que entre os maiores erros na produção de texto, a crase entra em primeiro lugar. Crase é a contração de 2 letras A (AA) em uma só, a união entre o artigo *a* e a preposição *a*, com acento grave, *à*.

Regra básica número 1: só se coloca crase antes de nomes femininos. Há exceções, como na expressão *à moda de*, que possibilita a utilização da crase diante de nome masculino: *peixe à escalope*, (*à moda*), *cabelo à homem* (*à moda*); assim como antes das palavras *casa e terra*, que não usam a crase, a exemplo, se der *vou a minha casa*.

A crase, chamada de impossível, ocorre quando colocada antes de nome masculino, ou verbo, por exemplo, *à partir de, à considerar*.

A crase não pode ser usada em nomes de cidades, pois não são precedidos de artigo, como na expressão *vou a Roma*; no entanto, se dissermos: *vou à Roma dos Césares*, acrescentando-se um adjetivo, ou outra complementação, como *vou à Paris (cidade) luminosa, da Torre Eiffel*, se inclui (e não *inclui-se*) a crase, pois se exige tal procedimento.

Não vai a crase, igualmente, antes de pronomes indefinidos tais como *a nenhum, qualquer*; assim como antes das palavras *cuja, ela, esta, mim, V.Sa.*, por exemplo: *é a ela a quem me dirijo*.

E das palavras *ante, após, conforme, consoante, contra, desde, entre, mediante, perante, sob, sobre, segundo, durante, para*. No entanto, antes de *aquele, a qual*, em certos casos, se usa a crase: *esta é minha terra, à qual dedico minha vida*.

Há algumas palavras nas quais resiste a dúvida, não estando bem definidas as regras, tais como em *ferido a bala ou à bala, o ensino à distância ou a distância, escrever a mão e à máquina, chegaremos à noite, combate a espada* etc, que quer dizer *et caetera*, *esta* expressão latina não recebe vírgula, pois a palavra já *tem* (não é *há*) um *et* (conetivo). Há algumas expressões que sempre recebem crase, como *à antiga, à beça, à beira-mar* etc.

Há, ainda, a crase facultativa, que pode ou não ser usada, em alguns possessivos, antes do nome próprio feminino, em frases como *volto à minha cidade* ou *a minha cidade*. Só a consulta a uma gramática ou a um livro especializado pode resolver essas (melhor que *estas*) dúvidas.

Deve-se ter cuidado, quando se usa os pronomes possessivos ou *hora*, podendo a crase ser obrigatória, facultativa ou proibida. Exemplos: *vou à tua fazenda*, *chego daqui a uma hora*.

A primeira regra para se confirmar a existência e colocação ou não da crase é transformar a palavra feminina em correspondente masculina, ou equivalente, como *sentença favorável ao réu*, então *favorável à ré* aceita crase. Outra regra prática para saber se vai crase é transformar a expressão em *para a*, aí se aceita a crase: *vamos viajar à Bolívia* (para a Bolívia).

02. PLURALIZAÇÃO DOS SUJEITOS COMPOSTOS

Quando o sujeito é formado por duas palavras ou pessoas gramaticais diversas, o verbo vai para o plural. Ex: *eu, tu e meu irmão somos* amigos. No entanto, se forem ligados por um elemento como *ou alternativo*, *de graduação*, pode ficar no singular, a exemplo da seção Questionologia dos verbetes da *Enciclopédia da Conscienciologia*.

No caso de se unir o sujeito ao conectivo *e* permanece no plural, como no exemplo: *o elemento e a regra fazem* parte da gramática. Eis outro exemplo: *o leitor e leitora são* personagens da Enciclopédia. Mas há algumas exceções, como no caso de união com a palavra *com* e *nem um/nem outro*.

A vírgula só se usa antes de *e*, quando se segue uma nova frase, com verbo ou não, tal como em *sou pesquisador, e gosto* de ler dicionários.

Outros exemplos de erro: *o autoconhecimento e a autopesquisa favorece a distinção*. Ou o contrário: *a certeza íntima impõem a responsabilidade*, isto é, sujeito simples, verbo no singular, *impõe*.

03. PRÓCLISE E ÊNCLISE

Normalmente, se usa a ênclise colocando-se os pronomes pessoais oblíquos (*me*, *lhe*, *se*) depois do verbo, principalmente no início das frases. Exemplo: garçom, *me traga* ou *traga-me* um prato de ortografia. O garçom responde: *mas não temos esse tipo de prato*. Então, *porque está no cardápio*, conclui o cliente letrado.

Nunca se usa a próclise no início de um período. Exemplo: *me sirva um almoço*. Usa-se também a ênclise com os verbos no infinitivo, como: posso *acostumar-me* a escrever bem. Mas depois de palavras negativas, como *não*; dos pronomes *relativos*; *indefinidos*, *conjunções*, *advérbios*, *que*, *quem*, a regra prevê a utilização da ênclise sempre, isto é, os pronomes oblíquos antes dos verbos, a exemplo de: *a consciência se torna refém do assediador*. Outro exemplo: *se o escrito torna-se editado* (o certo é *se torna*).

04. PREFIXAÇÃO E JUSTAPOSIÇÃO DE LETRAS

Quanto ao hífen, a regra básica indica que se emprega o sinal nas palavras compostas por justaposição que não contêm forma de ligação e cujos elementos são substantivos, adjetivos, numerais, verbos, advérbios, comecem por “h” e formam uma nova unidade morfológica e semântica, contudo, mantendo sua tonicidade própria, como exemplo de *ano-luz*, *cidade-jardim*, *bom-dia*, *obra-prima*, *perde-ganha*, *afro-brasileiro*, *erva-*

doce, bem-estar, recém-nascido, para-história. Igualmente, os prefixos, como *anti, auto* etc, quando iniciam o segundo elemento com h ou terminam o primeiro com vogal igual à primeira palavra, levam hífen: *auto-organização, anti-inflação, tele-entrega, sub-humano*.

Atenção.

Na *Enciclopédia da Conscienciologia*, alguns vocábulos são discordantes das normas do idioma, tais como em prefixos *hetero, mal, mega, mini, para, super* não levam o hífen, sendo justapostos como em *antintrusão, autorganização, autestima, antinvéxis, subumano* etc. Deve-se estar sempre com um livro de consulta à mão para esses casos especiais de diferença entre linguagem técnica e conscienciológica.

05. QUANTO À DUPLICAÇÃO DE LETRAS NA JUSTAPOSIÇÃO

O atual *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa* (Ano-base: 2018) trouxe a novidade de adotar as letras duplas como em *autossuperação, autorreciclagem, interrelações*, v.g., mas manteve o hífen nos prefixos *pré, pós, ex, pan, sem, bem, vice, inter, super, ab, além, contra* etc, como em *pró-forma, pré-serenão*, adotando outros termos sem hífen, tais como *preexistente, preconceito, servindo*, essas exceções, como observação a ser cuidada pelo candidato a escritor.

06. VERBOS TRANSITIVOS DIRETOS E INDIRETOS

Os verbos transitivos exigem o objeto direto, mas existem os transitivos indiretos e os intransitivos, que exigem o objeto indireto. Exemplo clássico é o verbo *visar*: *viso o rosto* é igual a *mirar*; *viso ao objetivo*, transformando em *visando à meta*, aí leva crase.

07. PRONOMES DEMONSTRATIVOS

O uso dos pronomes demonstrativo (*este, esse, aquele e outros*) é assunto repetidamente eivado de dúvidas e incorreções, erros dos mais diversos. A interpretação da regra básica é saber que *este* se refere à pessoa que fala, (eu, nós), próxima; *esse, essa, isso*, com relação à pessoa de quem se fala, mais distante e *aquele* mais longe, a terceira pessoa. Exemplos: *esta* terra é a minha, *este* trabalho é o nosso; *essas* afirmações são as feitas atrás, por outros.

08. APOSTOS E EXPLICATIVOS OU DE RETIFICAÇÃO COM DUPLA VÍRGULA

Na utilização de dupla vírgula em *aliás, isto é, a partir de, ou por exemplo*, a regra básica é não separar, por vírgula, o sujeito do predicado, por exemplo, *ele jogou-me um dicionário na cabeça*.

Existem, porém, as intercalações, os apostos, explicativos, pleonásticos, interlocuções, orações adverbiais, datas, elipse do verbo etc, que são separados por vírgula, eles não fazem parte da oração. Exemplo: a obra conscienciológica é, *antes de tudo*, esclarecedora.

Um detalhe: nesses casos (e não *nestes*), nunca se usa uma vírgula só, no início ou no fim de palavra, mas, entre a palavra, as duas vírgulas, podendo, em certos casos, não ser usada nenhuma, o critério essencial é se a frase é curta ou longa. Porém, se usar uma, deve utilizar a outra, isto é, a frase entre vírgulas.

09. O FIM DO TREMA E DE ACENTOS

Para se unificar a linguagem portuguesa, eliminou-se o uso do trema nas palavras brasileiras, visto que em Portugal ele (não *ela*) não existia. Exemplo: a palavra *consequência*, ficou *consequência*, mas, atenção, não perdeu o acento circunflexo. Apenas ele, o trema (masculino) é conservado em nomes estrangeiros, que têm ou possuem, originalmente, o sinal diacrítico formado por dois pontos no *u*.

Também, alguns acentos, foram eliminados, em determinadas terminações, tais como *oide*, *eia*, para igualdade com Portugal, com destaque para *ideia*, que não possui mais acento agudo.

10. VERBO TER EM VEZ DE HAVER, EXISTIR

Há redatores que usam o verbo *ter* no sentido de *existir e haver*. Gramaticalmente, está incorreto. O melhor é utilizar os verbos *existir e haver*, como, por exemplo, *há gente*, em vez de *tem gente* que escolhe mal seus amigos. Melhor seria, *há muitas coisas a fazer e existem erros na escrita*.

ADENDO

Um outro erro comum se refere à seguinte constatação: o *efeito do princípio da descrença*; o *efeito de o princípio de descrença ser essencial ao evento conscienciológico*, quando houver infinitivo, se uso o *de o*.

CONCLUSÃO

Neste trabalho foram expostas algumas regras básicas que podem ajudar o escritor a não praticar pequenos deslizes (e não *deslises*) na gramática, descomplicando a escrita. Como existe o ditado *na dúvida, abstenha-se ou se abstenha*, no caso, aqui, é melhor, na dúvida, consultar um dicionário ou um livro específico, como os citados na bibliografia (olha aí mais um cacófono), muito cuidado com eles.

Segundo Julieta Mendonça (2010, p. 76 a 78), os textos dissertativos devem ter clareza, concisão, consistência, exatidão, fatuística, informação, megafoco, pontualização, racionalização, sofisticada, linearidade. Isso, naturalmente, depois da correção gramatical e léxica, se quiser ter um texto dentro das regras do bom senso e da tecnicidade, com o bom uso do português. Boas gestações!

Outra conclusão que se impõe é que a escrita conscienciológica deve ser lúcida, cosmoética, tarística, mas, sobretudo, correta.

BIBLIOGRAFIA ESPECÍFICA

1. **Mendonça**, Julieta; *Manual do Texto Dissertativo*; 218 p.; 17 x 24 cm.; 1 E-mail; glos 23 termos; ref.; sum.; Associação Internacional Editares; Foz do Iguaçu, PR; 2011; páginas 76 a 78.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

01. **Alves**, Clair; *A arte de Escrever Bem*; 159 p.; alf.; 1 microbiografia; 5ª Ed.; 13 x 21 cm.; Vozes; 2005; São Paulo, SP; páginas 114, 117, 136, 137, 139 e 140;

-
02. **André**, Hildebrando A de, *Gramática Ilustrada*, 388 p.; apres.; 16 x 24 cm.; *Ed. Moderna*; São Paulo, SP, 1996; páginas 105; 334, 335, 342 a 346, 360 e 364.
03. **Íntegra do Acordo Ortográfico; Decreto nº 6.583, de 29 de setembro de 2008**; *UOL Educação*; disponível em: <http://www.uel.br/prograd/tutoriais/documentos/uol_educacao_integra_do_acordo_ortografico.pdf>; acesso em: 15.19.18.
04. **Kaspary**, Adalberto; *Nova Ortografia Integrada*; 150 p.; 1 microbiografia; 14 x 23 cm.; *Edita*; Porto Alegre, RS; 2011; páginas 69 a 104, 114 a 147.
05. **Ledur**, Paulo Flávio; *Guia Prático da Nova Ortografia*; 96 p.; 1 microbiografia; 13 x 21 cm.; *AGE*; 2010; Porto Alegre, RS; páginas 11, 18 a 20, 40, 47 e 64.
06. **Montemor**, Luís de; *Sobre a Crase*; 32 p.; 12 x 18 cm.; *HD Livros Editora*; Curitiba, PR, 2003; páginas 3 a 16.
07. **Pereira**, Cilene da Cunha Pereira; **Silva**, Edila Viana da; **Angelim** Regina Celia C.; *Dúvidas de Português Nunca Mais*; 288 p.; 44 abrev.; 1 email.; introd.; 14 x 21 cm.; 3ª Ed. rev. E amp.; *Lexikon*; Rio de Janeiro, RJ; 2001; páginas 21 a 59, 152 a 164.
08. **Seco**, Albertina Escudeiro; Org; *Guia do Revisor*; 66 p. 1 *E-mail.*; sum.; 1 *website.*; ref. 14 x 21 cm.; *Leon Denis*; Rio de Janeiro, RJ; 2005; páginas 39 e 40.
09. **Thomaz**, Marina; **Pitaguari**, Antonio, *Redação e Estilística Conscienciológica*, 188 p.; 2 anexos; pref. sum.; 14 x 21 cm.; 2ª Ed.; *Editares*; Foz do Iguaçu, PR; 2010; páginas 37 a 63, 119, 141 a 154.
10. **Vieira**, Waldo, *Manual de Redação da Conscienciológica*; rev. Alexander Steiner *et al.*, 276 p.; 15 sec.; 150 cap.; 152 abrev.; 274 estr.; glos 300 termos; br.; pref.; 609 ref.; 28 x 21 cm; br.; 2ª Ed. *Associação Internacional Editares*; Foz do Iguaçu, 2010; páginas 55 a 204.

